

Plan- Brasil

3.0 AGO 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

Joelmir Beting

"Os governantes são descartáveis quando as instituições são sólidas."

John Kennedy (1917-1963), presidente americano



Lógica do tráfico

O grau de corrupção na sociedade guarda relação com o grau de intervenção na economia. A vocação da burocracia está em produzir dificuldades para negociar facilidades. Governar é complicar.

□□□ Quem melhor teorizou sobre os desvios éticos da democracia política e da liberdade econômica foi o economista e sociólogo americano Thorstein Veblen (1857-1929). Fundador da chamada Escola Institucional de Economia, Veblen privilegiou a força das instituições públicas na canalização dos processos de acumulação capitalista, tangida pela emulação pecuniária e pelo consumo conspicuo. No clássico *Teoria da Classe Ociosa*, Veblen espancou a ganância privada com a mesma indignação com que fustigou a gastança pública.

□□□ Veblen responsabilizou "burocratas prepotentes e políticos despreparados" pelos desvios éticos do sistema. Com o grifo: a corrupção e a incompetência acabou passando o atestado de óbito para todos os governos autoritários, desfalcados de controle social e de cobrança popular. Mas segundo Veblen, a corrupção pode ser isolada e contida em democracias que colocam as instituições acima de todas as coisas: "Salus populi suprema lex" (o bem público é a lei suprema).

□□□ No caso brasileiro, a intervenção do Estado na ordem econômica dita capitalista, cometida em nome da correção de desvios conjunturais do mercado, tem servido apenas para aprofundar os vazios estruturais do sistema. A intervenção tornou-se obtusa no governo Sarney e



encheu as medidas no governo Collor. Resultado: a corrupção assumiu o poder político e a sonegação empolgou a prática econômica. Nem poderia ser diferente, diria Veblen. Antes, o governo limitava-se a estatizar a propriedade dos meios de produção. No regime militar foram criadas 368 empresas estatais. Por volta de 1978, a economia estatal chegou a responder por 72% da formação bruta de capital — servindo-se do endividamento interno e externo. Com Sarney e Collor, o governo extrapolou: estatizou também a autoridade sobre as decisões empresariais e individuais.

□□□ Em plena abertura política, o máximo de intervenção na economia privada acabou por encher a bola do tráfico de influência. Do qual PC não é o único agente.